

Fenômeno: Música

Felipe Maia Ferreira¹

Resumo

A proposta desta pesquisa é investigar, descrever e experimentar o acontecimento comunicacional, momento no qual a comunicação se faz plena pois se percebe o que se passa no entorno numa via multidirecional e polissêmica, sem verdades ou pré-juízos. O corpus desse escopo é a tríade fenômeno-comunicação-rede voltada para a música. A escolha primeira partiu dessa expressão artística, livre de conceitos e a priori, cujas percepção e sensação são calcadas na subjetividade. Para realizar esta experiência foi preciso um processo que inserisse o pesquisador na pesquisa, mas não de maneira meramente empírica, e sim de maneira reflexiva e perceptiva. Para tanto, foi escolhido o metáporo, que será destrinchado ao decorrer do texto.

Palavras-chave: *Acontecimento; Comunicação; Música; Rede; Metáporo.*

I. A MÚSICA, O CORPO E O FENÔMENO

O mundo está cheio de tiranos. Pessoas que fazem questão que todos concordem com ele e exigem que todos vejamos a mesma coisa do mesmo jeito e na mesma perspectiva. E assim, de tirano em tirano, as guerras. Guerras por perspectiva, guerras de percepção (BARROS, 2011).

A música e luz começaram a abaixar e o concerto já anunciava seu fim. Até ali, ele tinha sido um bom show de uma banda da qual gostava muito. Cantei e pulei e acompanhei canções. Umas mais e outras menos. Tinha chegado ao fim, não fosse por uns poucos acordes que insistiram em soar das caixas. Junto deles, um canhão de luz se volta ao palco e ilumina um único ponto. O vocalista, então, se mostra novamente e começa a descer do palco. Defronte àquela

¹ Estudante de jornalismo da ECA/USP e atualmente é aluno de intercâmbio da Universidade Sthendal, em Grenoble, França.

infinidade de gente – da qual eu fazia parte – ele entoava uma contagem e as luzes se apagam. Ele mergulha sobre nós, a multidão.

Eu estava distante bons metros do palco, onde começara o nado sobre as mãos da platéia. Aos poucos, a cada remada do cantor, o mar do fundo se aproximava do mar da frente. Era um refluxo incontrolável sem precisão. Ele continuava o trajeto e todos nos aproximávamos mais dele, sendo levados e levando.

Até o show eu não sabia seu nome, não me importava quem ele era. Bastava saber que era o vocalista de uma banda da qual eu gostava. Naquele momento, mais que informações, eu precisava me aproximar daquela pessoa. Eu não era o único. Entendi e senti que todos queriam isso também. Ninguém sabia explicar. Ninguém havia mandado. Ninguém deliberou ordens.

Saquei a câmera como tantos outros. O vocalista chegou onde queria. Eu precisava registrar aquilo como eu tinha visto, ouvido, tocado – melhor, como eu tinha experienciado. Ilhado entre algumas grades, ele volta a subir, não mais sobre um palco, mas em uma escada com um púlpito a alguns metros do chão. Um aceno para o público. Acontece.

Uma câmera guardava apenas parte daquilo, mas guardava. Os incontáveis flashes que disparavam deixavam isso claríssimo. Estávamos todos, o mar, vivendo algo maior. Uma experiência grandiosa. Um fenômeno que foge ao tédio e à náusea. Um acontecimento comunicacional.

Ainda não se sabia o que motivava aquilo, contudo, naquele instante, comunicava-se mais que entendia-se. Entender possivelmente implica concordar. Quando não isso, tolerar. Ali, no entanto, sem guerras ou tiranias brotavam percepções diferentes de um mesmo espaço de tempo. Elas eram agregadas em câmeras, gravadores, filmadoras e, mais importante, pessoas. Cada indivíduo percebia como podia. Eu pude escapar do tédio. Passando por um poro da monotonia, num breve espaço de tempo, não havia mais ego ou concepções. A comunicação acontecia no limite do outro: o vocalista, a platéia, todos.

Sobre as mesmas mãos, ele começou seu caminho de volta. O momento é tempo e, como tal, limitado. Ao passo que o nadador se distanciava, o mar se desfazia. Ele chegou ao palco e ainda fez com que o público, agora formado por indivíduos que se separavam, pulasse. Não era mais um mar. Um processo de trauma decantava o que cada um sentira e aos poucos eles voltavam a ser pessoas únicas que freqüentemente sentiam o mundo do mesmo jeito. Já se fora o acontecimento comunicacional, ao menos por ora.

I.1 - SENSACÃO E PERCEPÇÃO

A plataforma primeira escolhida para a publicação desse trabalho foi um blog na internet. O espaço tem inúmeras vantagens para o que se propõe, mas a maior dela é a fluidez. O processo metapórico, aqui utilizado, não admite concepções petrificadas do mundo justamente porque ele está em constante movimento.

Um blog permite que o processo metapórico da criação desse estudo caminhe conforme a necessidade, transformando-se segundo ela.

Neste instante, no entanto, é preciso delimitar itens caros ao estudo. Sensação e percepção são duas pedras angulares no estudo da música como acontecimento comunicacional e na sua relação com a rede. Delimitá-las contribui para uma projeção melhor do que foi alcançado com este estudo, ainda que não deva ser fator limitante na sua leitura.

O trabalho do filósofo Merleau-Ponty foi tomado como norte nesse caso justamente por não ser um cabresto intelectual. O teórico, no livro *Fenomenologia da Percepção* (Martins Fontes, 1999), dedica-se ao estudo da experiência humana como aspecto ontológico e fundamental no entendimento da fenomenologia. Partindo de sua análise, o que mais cabe neste trabalho são as ideias, a grosso modo, sobre a sensação, a comunicação com o mundo de maneira a torná-lo familiar, e a percepção, a compreensão do mundo em sua totalidade e exatidão única sem preceitos.

Claramente essas duas premissas são reducionistas e mostram uma interpretação da obra do filósofo. Trazê-las de volta integralmente aqui ou dedicar longas linhas a uma explicação dessa visão, entretanto, contrariariam ainda mais o processo metapórico ao qual é imprescindível uma apreensão perceptiva (como definido acima) do objeto de estudo. Ademais, esses itens ganharão maiores diferenças ao decorrer do estudo.

I.2 - A MÚSICA COMO FENÔMENO

Posto que o acontecimento comunicacional tem em seus entes fundadores a sua singularidade – isto é, a percepção única de um momento, a coloração de um instante, a comunicação efetivamente estabelecida – e entendo o corpo como parte fundamental nesse processo – ainda que sua presença não seja na carne merleau-pontyana, a qual imprescinde um lócus que não existe propriamente

na rede – é preciso frisar a escolha do show como objeto de estudo desta pesquisa.

O show, a performance musical em um palco, é um processo essencialmente comunicacional. O sistema que se instaura em um evento como esse é uma grande rede de relações, interações, percepções, sensações e, enfim, comunicação. O músico não toca para si nem em sua maior virtuosidade; o público não veio para si nem em seu maior acesso de sociabilidade; ninguém está ali por si. Nem mesmo a música.

A malha deste sistema do show é, claramente, a música. Ela existe na presença desses elementos e realiza os processos noéticos neles. Juntos. Tomar a canção como um ator em linha reta ou como algo vivo somente na interioridade de cada indivíduo são posturas tão míopes quanto diametralmente opostas.

A crença de que existe um objeto musical independente de um agente, ou de que música é pura interioridade, ou de que o significado musical está contido naquele objeto, ou ainda de que a música nada significa, são pressupostos que vêm sendo gradativamente abandonados. (OLIVEIRA; OLIVEIRA; TOFFOLO, 2008: 2)

Esta idéia ganha força com a simples visualização de um show enquanto sistema participativo e generativo. Ele coloca as pessoas em seu limite. O espaço é desrespeitado, o som fatalmente chega aos ouvidos, os corpos podem se tocar, os músicos sentem o público que se sente mutuamente. A questão da alteridade é bem lembrada pela filósofa Gilda Wang. Ao postular “no limite todos somos o outro” (WANG, 2009 apud FILHO, Ciro Marcondes, 2010), Wang explicita como as relações fronteiriças são perenes à comunicação. O concerto, seja qual for, torna isso patente.

Por fim, deve-se lembrar a condição da música como expressão artística. A arte é o mais próximo que o homem pode chegar do acontecimento comunicacional. Isso porque o ambiente da arte permite a percepção desamarrada, a sensação plena, a interação contígua e a relação polissemântica. Exemplo histórico disso é a importância da música para as religiões. No catolicismo, o canto gregoriano era parte fundamental da oração na Idade Média. No protestantismo, a reforma instaura a música como elemento coletivo, criando as raízes da música gospel atual. Em ambos os casos o objetivo é alçar o corpo ao céu e atingir o inatingível. A música opera movimento e dinamismo em quem participa dela. “A obra estética briga por chamar a atenção, por cativar, por atrair o olhar do outro.” (cf. FILHO, 2010).

I.3- O CORPO CONSCIENTE

Fica claro que o corpo, nessa malha do show, opera papel tão representativo quanto a música. O corpo imerge no mundo ao passo que a consciência e carne se fundem. Este estágio torna-se imprescindível para a apreensão fenomenológica, de modo que o sentir, por exemplo, deixa de ser uma relação de sentido fisiológico para ser uma relação de sentido noético. Em Wittgenstein essa fase seria responsável pelos fanerons, as associações construídas com o passado por cheiros, sons ou cores que captamos. No acontecimento comunicacional de um show uma canção se prende ao corpo fenomenológico, sem fazer distinção entre sentidos ou significações.

Por isso, para Merleau-Ponty, a consciência é transferida para o corpo, instalando-se nas coisas; pode, portanto, “esquecer-se dos fenômenos, porque o esquecimento deles não é uma ausência, podendo presentificá-los a qualquer momento. (VIVIANI, 2007:6)

Tal qual partículas subatômicas, o acontecimento comunicacional se prende ao corpo fenomenológico com muita força. Essa força cria histórias contadas e recontadas, está presente nas lembranças de muito tempo depois e relaciona outras sensações e outros meios. Finalmente, essa força amplifica o fenômeno. Assim chegamos à indagação primeira que motivou este estudo: o acontecimento comunicacional pode se desdobrar, se replicar, se transmitir e, mais, nascer e se renovar na rede?

Os próximos itens debruçam-se sobre esta questão e o que mais lhe for concernente.

II - UM OLHAR SOBRE A COMUNICAÇÃO NA REDE

Por mais ultrapassada que pareça, a questão das limitações do signo é importante porque o signo participa da expressão do acontecimento comunicacional. A priori, perceber o momento do acontecimento comunicacional é estar fora do signo. Isso porque, como previsto nas teorias husserlianas e no próprio metáfora, é preciso se desvincular das cercas do pré-conceito. A palavra, apenas um dos signos tomados aqui, fecha a percepção em um significado. O vermelho passa a ser aquela palavra, e não aquela sensação apreendida.

Alguns de nós sequer desconfiam, durante toda a vida, que existam mundo fora do signo: uma ação separada do papel administrativo, um ato fora do espetáculo midiático, um clima exterior à biblioteca. (SERRES apud VIVIANI, 2007: 6)

Por outro lado, depende-se do signo para que o acontecimento comunicacional não morra em si. Da palavra ao gesto, significar é a chance do acontecimento viver para além de seu nascimento. In loco, recriamos a história do instante e podemos incorporar o que o corpo consciente sentiu. Na rede, as limitações são maiores. O espaço da voz, com seus tons e volumes, é tomado pelo texto. Ele mesmo tem suas nuances, mas percebê-las dentro do escopo metapórico mostra-se extremamente difícil.

O show da banda U2, realizado em São Paulo no dia 13 de abril, foi transmitido pelo site Youtube. Durante a exibição, o público podia conversar entre si em uma espécie de bate-papo instalada ao lado do quadro do vídeo. Ao selecionar todas os diálogos e pinçar as palavras mais ditas (ou exibidas, no caso de nomes), observa-se que adjetivos, a porta de entrada para expressar sensações e percepções, aparecem em pequena quantidade num montante de 3.931 palavras.

= acabou adoro a! alessandra aline almeida alves amo ana and andré araujo assistir audio banda beautiful blinding blogspot bloody boa bono br brasil brasileiro
brazil bruno c caio camila can cara caras carlos carolina carvalho casa cata catatodas cesar channel city claudia costa crazy cristina curta d de daniel day deisto
deus dias domingo don eduardo espaiha fabio facebook feel Felipe fernanda fernando ferreira festas flood roda galera gente go gomes gonçaves gustavo have hello
henrique http i if imagens in ir is it ja João juliana know la lights lima linda lindo link lopes love luciana luiz maravilhoso marcelo maria mariana marques martins
melhor mesmo miss moment Moraes morumbi mouro mundo musica música name nao of oh oliveira on one only ouvindo ouvir palavras palco paula
paulo pena pereira perfeito pq rafael renata ribeiro ricardo rio rock rodrigo rodrigues rs S sabado santana santos sarajevo see segundos
show silva siqueira so som sonora souza streets sunday surrender sábado só t tá tava tempo terra the there thiago to toco tonight
transmissão tv tá u ustream valeu vanessa vindo vertigo vida video Vieira visitem vivo vou wagner walk where with www you zooropa

Arquivo original: <http://bit.ly/ormHAL>

É difícil dizer quais dessas palavras realmente se relacionam à experiência do show, bem como quais se relacionam a um acontecimento comunicacional. A existência desses signos, no entanto, demonstram que há ali sensações que não são contidas. Defini-las como acontecimento ou mero registro é outra dificuldade que se mostra. Sob o processo metapórico essa visualização já se faz difícil em ambientes tradicionais, como a própria casa de show. A perda da entonação da voz é uma demonstração clara disso.

Todavia, os limites do signo se comportam como estimuladores da expressão quando ela precisa fugir à monotonia do comum. O acontecimento ocorrido e/ou desdobrado na rede encontra outras saídas para viver. Ao sumiço dos cheiros do ambiente, temos os vídeos que pululam no Youtube poucas horas depois do fim do concerto. Sem o tato e o outro físico, temos as fotos de várias câmeras e olhos. Na ausência do diálogo com um conhecido, temos

um espaço aberto com um sem número de pessoas que partilham daquele momento.

Não são itens correlatos no mundo virtual e digital – mesmo porque a rede, aqui, é encarada como a extensão do que vivemos no mundo físico. São apenas novas maneiras de significação. Trabalha-se com o signo, novamente, mas de maneira diferente. Um exercício de futurologia mais plausível, nesse sentido, é imaginar que um dia essas novas maneiras de comunicar estarão tão inatas quanto sentir um cheiro, e não que será possível sentir cheiros pelo computador. Por enquanto, essas novas maneiras ainda nascem e evoluem. O número de produtores na rede ainda é muito pequeno comparado ao número de consumidores. Certamente o número de acontecimentos que vivem nela é ainda menor. Mas eles vivem.

II.1 - AS POSSIBILIDADES DA REDE

Perpetuar toda a comunicação às relações humanas face a face é desconsiderar parte considerável da produção do homem até hoje. Em última instância, é desconsiderar a própria música, que se apóia sobre a técnica não só na criação, mas também na sua gravação e transmissão. A invenção do disco imortalizou cantores e instrumentistas cuja expressão estética opera comunicação. A rede é um novo lugar para esse processo.

Não fala-se aqui dos chats ou do “Second Life”, espaços exaltados há alguns anos como a panacéia da comunicação online. Em fato, os bate-papos, febre nos anos 90, dificilmente passavam de palco para frases “semanticamente congeladas” (MALDONADO apud FILHO, *Ciro Marcondes*, 2008). O que se vê hoje, no entanto, é que a comunicação na rede pode ocorrer por dois motivos principais: parafraseando McLuhan, o meio e a mensagem.

A rede aqui não deve ser vista como ela em si mesmo o meio. A rede oferece meios para comunicar. Enquanto escrevo, existem centenas de serviço baseados na tríade web-publicação-imediação. Esse trabalho mesmo está sobre isso, uma vez que é publicado em um blog que dispensa qualquer aval ou chancela de um órgão maior. Na mesma seara existem serviços de publicação de texto (Twitter, Tumblr), imagens (Instagram, Flickr), vídeos (Youtube, Vimeo). Todas as plataformas colocam pessoas em contato entre si com apenas uma tela de entreposto. Perto das salas de bate-papo, isso é uma evolução tamanha.

Quem faz parte desse processo também encontra saídas diferentes às do conhecido e antiquado “Oi, qr tc?”. A produção de

conteúdo por pessoas comuns atualmente é, certamente, algo nunca antes visto na história da humanidade. Criar texto, imagem e vídeo é algo plausível para qualquer pessoa com acesso à rede. Não se pode imaginar que dentro dessa produção não haja o que se destaque enquanto fenômeno e, mais, como acontecimento comunicacional. Não só pela sua quantidade, mas porque as pessoas precisam contar suas histórias.

Paula Sibila toma o sucesso das autobiografias como sintoma desse tempo (cf. SIBILIA, in Em Questão, 2005). Outro sintoma claro é grande variedade de campanhas publicitárias que valorizam o storytelling, relacionando clientes a marcas. A história de cada um tem importância para as pessoas porque comunicam experiências vividas, fenômenos apreendidos. O acontecimento comunicacional refletido na rede se sustenta sobre isso, tanto na sua reflexão quanto no seu conhecimento.

Essa possibilidade é fantástica considerando os milhares de anos de produção humana. Pela primeira vez, o “homem comum”, que sente tanto quanto o artista, pode expressar-se livre de mediadores – que ainda existem, mas vêm cada vez com menos controle. Tanto mais, ele pode expressar o acontecimento comunicacional. O corpo consciente agora existe na rede, orgânica como o rizoma de Deleuze-Guatarri. O signo toma as sensações, é verdade, mas o signo é a foto, o vídeo, o texto. Todos em pluralidade. O fenômeno assume perspectivas quaisquer que não terminam em uma gaveta. A percepção é compartilhada sem limite de tempo.

III – O ACONTECIMENTO E A TERRITORIALIZAÇÃO DO ESPAÇO

A velocidade máxima, padrão de deslocamento e escola de conduta, mina aos poucos a geografia e o próprio significado dos lugares, a ponto de atravessar-se o espaço urbano como se ele fosse um grande deserto. (VIRILIO apud MARCONDES FILHO, 1996)

A rapidez da urbe é o maior responsável pelo não-lugar. Essa desertificação, a qual se refere Paul Virilio, devasta locais de suas associações e agenciamentos por conta da mera função passageira que eles assumem. O aeroporto, figura-mor desse fenômeno, não só é local de circulação como também é lugar de transposição. A sociabilidade no espaço é reduzida – agora sim – a frases congeladas semanticamente.

Uma casa de show experimentaria esse processo, não fosse pela sua função. Etimologicamente até seu nome já guarda uma idéia mais alentadora que a do não-lugar: uma casa. Nela habita o evento que traz músicos e audiência ao encontro. Os fenômenos apreendidos nela

frequentemente vão guardar associação ao lugar, ainda que ela seja mais como um marcador no espaço-tempo que um identificador das sensações.

O processo de territorialização da casa de show, por vezes, insere-se num escopo maior, que é a territorialização promovida pela música, isto é, a cena. Segundo Will Straw, a cena é o “espaço cultural em que várias práticas musicais coexistem interagindo entre si com uma variedade de processo de diferenciação” (cf. JUNIOR, Jeder Janotti, 2011). A cena promove relações sociais, econômicas, urbanas e, por que não, processos de percepção e sensação. Casas de show famosas são sinônimos de cenas musicais, como o CBGBs, em Nova York, e o Punk Rock, a Warehouse, em Chicago, e o House Music e o Circo Voador, no Rio de Janeiro, e o rock brasileiro dos anos 80.

O que vemos com a rede é uma multiplicação exponencial das cenas e dos nichos, em especial na música. Há lugar para todos os tipos e gêneros. Há lugar para todas as casas de shows e músicos. A rede amplia o espaço urbano da cena por meio de blogs, redes sociais, fóruns de discussão e troca de arquivos. Essa dinâmica, cuja tendência é crescer sem sentido certo – tal qual a própria rede – se apóia em duas engrenagens muito firmes atualmente: a mobilidade e as novas relações de poder.

As tecnologias móveis permitem que, pela primeira vez na história do homem, seus pensamentos encontrem um repositório quase que num golpe só. O homem pré-histórico precisava voltar à casa para colocar sua história na parede. Mais a frente, os antigos dependiam de ferramentas de tempo para escrever leis e profecias. O advento da alfabetização, que começaria após a Idade Média, traria na figura do diário pessoal e das cartas o espaço das sensações registradas. Ainda assim, a apreensão fenomenológica, se tomada a cabo, se desprendia cronologicamente de seu momento. Hoje, o meu celular reduz essa distância a quase zero.

Estar num show e narrar seus acontecimentos via Twitter ou via Facebook é algo que tem se tornado muito comum. Aparelhos sem grandes capacidades tecnológicas já fazem a conexão entre a rede online e a rede física de uma casa de show – temos uma rede só. Esse sistema, que já tem uma linguagem própria cheia de sinais e abreviações, conecta as pessoas que antes apenas podiam conversar até onde sua voz chegava durante o show. Mais ainda: ele aproxima as pessoas antes e depois do show numa conversa que tem fim, mas não se apaga. E as pessoas sentem necessidade de contar o que vivem. A velocidade, força-motriz da desertificação da urbe, é o padrão desse novo momento da comunicação.

Esse mesmo padrão, também baseado na imediação, opera novas estruturas no poder. Empresas e governos ainda se debatem para entender para onde vai esse processo, sem sucesso. A falta de uma mediação, quase sempre a tônica desses espaços na rede, suplanta hierarquias de outrora. O fotógrafo com um celular pode conseguir uma imagem melhor que um fotógrafo e sua câmera profissional – provavelmente, o primeiro divulgará sua imagem primeiro. A qualidade da foto não é a questão neste capítulo (ela é retomada no capítulo VI). O que se confronta é a representatividade que ela traz. A percepção do corpo transferidas para a lente terá diferentes valores para diferentes tentáculos da rede. Não existe mais uma única voz e um único poder (-fazer, -criar, -pensar) que sai do topo para a base.

As mídias contemporâneas instauram processos de territorialização e desterritorialização, a partir da compressão espaço-tempo (Harvey, 1992) e do desencaixe (Giddens, 1991), que criam novas geometrias do poder (Foucault, 1979) e novos agenciamentos (Deleuze, Guatarri, 1980). (LE MOS, 2007: 279)

III.1 – O METÁFORO NO FENÔMENO MUSICAL

O mero registro de um momento que termina em um blog já é a demarcação de um novo território. A captura da imagem é a tentativa de demarcação do instante que, não fosse na rede, perderia-se num álbum de fotos antigo. Ali, a rede rizomática e orgânica se prolonga. A fotografia pode ser replicada, editada, baixada e até arquivada – ou nada disso, mas existem tais possibilidades. O importante é que a captura do instante não morre. Ela passa a viver no território do outro, que também pode ser o meu. Esse instante, sentido pelo corpo consciente e apreendido como fenômeno, como dito, é o acontecimento comunicacional para alguns. Para outros, é apenas mais um instante. Na rede não é diferente.

Em termos gerais, devemos tratar a rede aqui também como uma continuidade da experiência vivida, ao contrário de tomá-la como um mundo virtual descolado do tal mundo real. Em toda essa malha, encontrar o acontecimento comunicacional é tentar abstrair nuances que mal se destacam em um matiz de poucos tons, a monotonia dos pré-conceitos. Em si mesmo, a percepção subjetiva cumpre esse papel – como fica claro no capítulo I. Conhecer tal momento no outro, por outro lado, é um exercício metapórico que não oferece certezas de fórmulas. A única certeza que se pode ter é a da identificação, ela mesma variável subjetivamente.

Como foi exposto, na rede, a perpetuação do acontecimento comunicacional, o singular e indivisível, passa pela criação de um

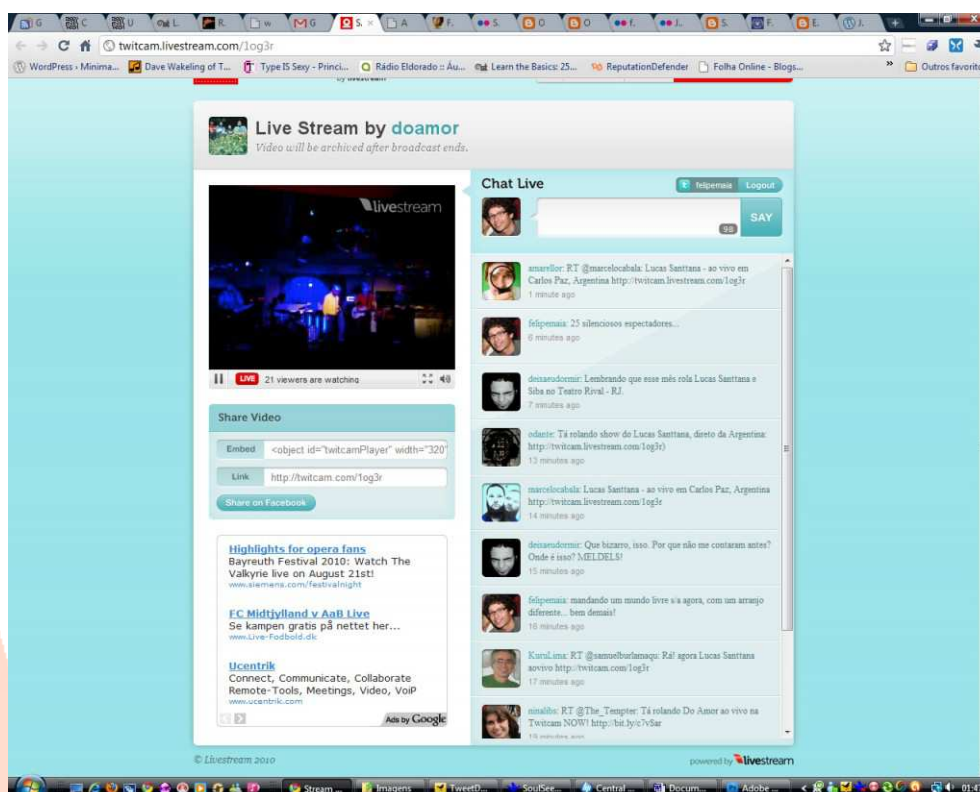
território. Ninguém mais pode marcar aquele espaço senão o próprio eu, ele sim outrora marcado pelo acontecimento sentido pelo corpo. Na teoria freudiana, esse sujeito equivaleria ao id, permeado de impulsos e instintos. O id, o eu do corpo consciente, é a maior ponte para a compreensão do acontecimento no outro. O poro da comunicação abre-se justamente na identificação. Reconhecer o momento torna-se imprescindível para a visualização do acontecimento no sem fim de fenômenos. O trunfo do metáporo aplicado ao fenômeno musical, nesse sentido, é que ele isenta o pesquisador de único entendedor desse processo. Ora, reconhecer-se no acontecimento comunicacional é aplicar o metáporo como objeto de pesquisa, também o faz quem simplesmente se identifica com esse momento – seja na rede, na casa de show ou no show transmitido online (o espaço híbrido). O que pode diferir a figura do pesquisador do “indivíduo comum” seria apenas a intuição intelectual posterior. (cf. FILHO, 2010)

A inteligentzia sobre o acontecimento comunicacional nunca deve vir antes de sua percepção. Isto porque, neste caso, ela consideraria apenas uma compreensão empírica daquilo, e não a compreensão fenomenológica. Esta compreensão, enraizada na identificação do corpo, difere o acontecimento do registro. Senão, pode-se crer que duas fotografias de um mesmo concerto carregam em si os mesmos valores por questões estéticas – e não por questões sensíveis, que realmente comunicam.

IV - O FENÔMENO MUSICAL NA REDE

O músico Lucas Santtana tem um site denominado diginois. Em vez de levar seu nome, seu lugar na rede tem um apelido. Talvez o motivo seja a proposta do lócus, ser ponto de contato entre músicas, pensamentos e sugestões do músico, escritor e incentivador da cultura digital. Acredito, ainda, ser difícil encontrar algum artista dessa leva que não seja, em última instância, incentivador da cultura digital, a norma da expressão na internet.

Lucas Santtana também tem uma banda que o acompanha e denomina seus atuais projetos como “Lucas Santtana e Seleção Natural”. A seleção e o técnico foram para uma turnê rápida na Argentina, mas isso me privou de ver um show deles tão cedo. Assim eu achava, até descobrir, por acaso, que um dos concertos estava sendo transmitido online pelo aplicativo Twitcam.



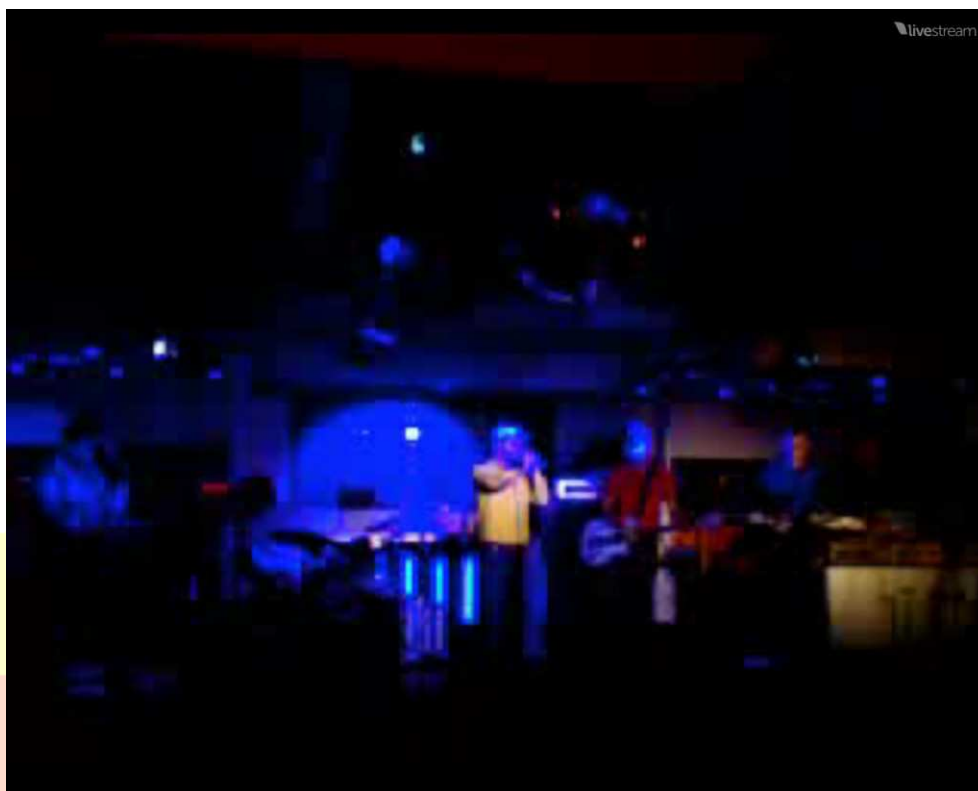
Não é prova, mas é indicativo de que a música sobre o palco não mais reside entre artista e seres mais ou menos próximo. O território do show não é mais somente ali. O concerto foi desterritorializado de maneira maior: se outrora gravava-se shows em álbuns, agora ele é transmitido ao vivo. A tentativa com grandes espetáculos não é privilégio de um maquinário enorme e bem estruturado. A dizer pelo próprio show de hoje, transmitido por um computador portátil.

Do outro lado — ou num canto mais distante do palco — a experiência é adequada à técnica. Estou suscetível à técnica em diversos fatores:

- 1 – No bom andamento da conexão, que vai me permitir ir ao show;
- 2 – Nas diversas tarefas que me aparecem na tela, as quais posso realizar enquanto estou no concerto;
- 3- Na janela que me é apresentada: minha imersão no espetáculo é por um quadro e dois fones de ouvido, fora desses limites, nada mais acontece senão o não-show, ou o silêncio do quarto.

Esses três pontos são determinantes no que é apreendido por mim. Uma falha da conexão, uma tarefa que me tome mais a atenção ou mesmo uma resolução diferente: são novos filtros para o fenômeno. Ora, mas com toda essa mediação, o show que me chega é menos verdadeiro que o show visto de lá? Antes, cabe indagar “o que é o show verdadeiro?”. Ao praticar o exercício metapórico, vale

repetir, traz-se à tona a percepção pura do que acontece em detrimento do que já se espera. Música, no entanto, é expectativa: trabalhamos com o que virá depois da nota, do acorde, do tempo. Apreende-la metaporicamente, portanto, pede um corpo aberto em si, que sente todo o ambiente do show, sem encará-lo como uma série de canções ao vivo cujo início, meio e fim já são conhecidos e apenas informam.



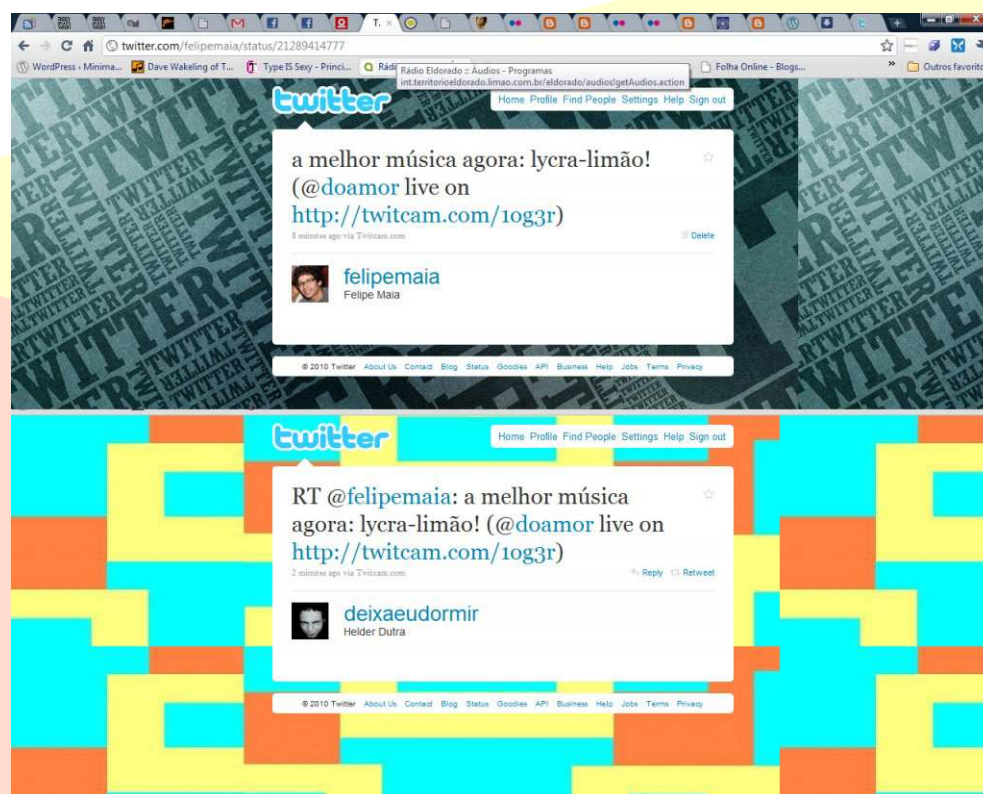
O show verdadeiro se cria na medida da percepção de cada um, embora isso não exclua um momento transcendente e coletivo – exemplificado no primeiro capítulo. Perceber é, então, abdicar da expectativa e trazer uma devir da surpresa aos sentidos. Atingir o show verdadeiro — e falamos em uma contestação da verdade única — é um exercício de imersão na realidade.

Mergulhado nessa realidade, em poucos minutos descobri que ela efetivamente ocorria a quilômetros de onde estava. O show era na cidade de Carlos Paz. Quem me deu essa informação foi um dos 25 espectadores que o Twitcam acusava e cujas mensagens relacionadas ao espetáculo eram vinculadas na página de transmissão do vídeo. Logo mais, descobri que uma das canções tocadas era fruto de uma parceria com outro artista, Arto Lindsay. Não sabia de nenhum desses dois dados e os poderia ter descoberto na própria casa de show. O segundo, por um amigo, quem sabe; o primeiro, provavelmente

porque eu sabia onde estava. A percepção ganha novas interfaces na medida em que perde algumas. Qual o valor dessas informações?

Eu só vou saber se elas me permitirem chegar ao acontecimento comunicacional. Saber delas não significa, necessariamente, ganhar a prioris. Pelo contrário: pode significar uma apreensão mais ampla do momento, um campo maior e mais propenso ao acontecimento comunicacional.

A relação intrínseca disso é quando Lucas e banda tocam versões repaginadas de outras canções, que não deles. “Pela orla dos velhos tempos”, da banda Mundo Livre SA, vem com outro arranjo no show, carregado de eletrônicos e uma condução forte. A canção já fora gravado no álbum do artista, mas a minha lembrança mesmo foi da original. E tão logo fui até a memória buscar os versos na voz de Fred Zero Quatro, vocalista da Mundo Livre SA, fiquei entusiasmado. Abriu-se um poro que se mostrou eficiente, uma vez que esse é um dos momentos de que mais lembro do show.



Caímos, novamente, no fato de que isso poderia ter acontecido na Argentina, in loco. É inevitável pensar que, no local, outra pessoa poderia ter sentido algo semelhante que eu. Na internet, como enxergar essa “virada”? A primeiro momento, isso mostrou-se difícil, mas não impossível. As ferramentas que me são oferecidas não substituem, de jeito maneira, o contato tete-a-tete. O bate-papo via

Twitter é reduzido e as outras manifestações, como posts em blogs, fotos e vídeos, precisam ser decantadas nos computadores e pulverizadas na rede. Mas acabamos de ver que, também num primeiro momento, o estalo da comunicação pode ocorrer.

Enfim, retomo: difícil, mas não impossível.

O fato se deu quanto passei a seguinte mensagem pelo microblog: @felipemaia: a melhor música agora: lycra-limão! (@doamor live on <http://twitcam.com/log3r>)

Passados dois minutos, um dos usuários replica minha mensagem: @deixaeudormir: RT @felipemaia: a melhor música agora: lycra-limão! (@doamor live on <http://twitcam.com/log3r>)

Ora, houve um ponto de contato. Ainda que não se diga que é o acontecimento comunicacional refletido na rede, criou-se um poro. O usuário @deixaeudormir concorda comigo sobre a música Lycra-Limão ser “a melhor”. Não podemos medir ou avaliar a veracidade disso na rede. Entretanto, na vida “real” isso é possível? As opiniões dos indivíduos passam por processos de mera aceitação a independência total. O que ocorre é que, tal qual um amigo na pista do show, o @deixaeudormir retransmitiu o que eu disse, concordando comigo — um tremendo desconhecido, deve-se ressaltar.

Os comentários que fizemos são parte de um diálogo que se afixa na rede, embora seja tão fluido quanto palavras ditas, pois, pouco tempo após transmitidos, perdem contexto, ficam sem um nexos explícito. O show acaba às 2h10 (horário de Brasília) e as mensagens cessam, a não ser por um usuário que diz estar em Roraima. Na Argentina vista daqui, um frame preto é visível e ouvimos uma música eletrônica. Às 2h12 um rosto surge defronte a câmera — quem cria o poro também é assunto para outro dia — e a transmissão cessa. A página em que o show era transmitido morrerá em breve e só restará os retângulos coloridos de plano de fundo para a palavra OFFLINE.



IV.1- A ATMOSFERA E O ACONTECIMENTO

Essa comunicação na rede, motivada ou perpassada pelo acontecimento, não é menor que a comunicação que acontece ali, dentro da casa de show. Ela é tão diferente quanto, atualmente, parte dela. Falta, como mencionado no capítulo II, nuances perceptíveis somente no lócus, com os sentidos confrontados. Esse jogo comunicacional, como afirma Gregory Bateson, se passa sobre o deciframento de códigos implícitos. Esses códigos também existem na rede, independente da forma que se apresentem. Esse conjunto de sinais que nela operam a comunicação do acontecimento pode ser entendido como uma atmosfera.

Pode-se descrever a atmosfera como uma poeira de pequenas percepções em que se penetra, como que se impregna, em que ‘cola’ como um fascínio. É a atmosfera que faz com que uma relação ‘pegue’, e que a captura se exerça” (GIL apud FILHO, Ciro Marcondes, 2010)

A atmosfera é o espaço de transição, onde ocorrem as relações humanas de maneira verdadeira e intensa. Ela se forma pelo trecho da canção que emociona, o gesto que diz mais que as palavras e o vídeo que choca mais que o outro ângulo de visão. Essa atmosfera é como

um líquido denso, no qual os vetores da comunicação atuam tal qual na aleatoriedade do movimento browniano. Os vetores agem menos anulando-se que criando correntezas, envolvendo os indivíduos ao forçar o movimento interno dessa atmosfera.

Seguindo o raciocínio, podemos envolver a rede com essa atmosfera. Ali onde ocorrem as percepções é onde a rede, fibrosa e inconstante, pode sorver o acontecimento em seus vários nós e braços. Ele é inspirado pouco a pouco por esse tecido. Na mesma velocidade em que isso ocorre, o acontecimento pode ser inspirado por outrem. Não de maneira unidirecional, mas, ressalta-se, de modo aleatório e imprevisível.

A primeiro momento, a proposição pode ser apenas uma nova maneira de encarar a informação. Isto é, o acontecimento perde seu valor e passa a apenas informar na medida em que se move, perdendo sua singularidade e, conseqüentemente, sua singularidade, na viagem unidirecional. Mas a rede não opera assim.

Talvez apenas algumas partículas da atmosfera adiram-se a essa colcha. Essas partículas, uma vez coladas à rede podem se conservar como acontecimento no seu reflexo e, paradoxalmente, na sua mudança. A rede permite que ele, o acontecimento, se renove ao adquirir outros significados com o tempo, se reinvente ao lhe serem dados novos sentidos e mesmo se transforme, virando algo completamente novo, possível somente naquele meio.

Fora da rede, ali onde o ar infla a caixa torácica, nada é mais atmosfera que o bafo emanado em casas de show. Os indivíduos enfurnados ali, com muita sorte e poucos a priori, irão admirar momentos únicos de um artista que, com sua música, entrará no mesmo ritmo dessas pessoas. O ritmo da canção é o ritmo do coração que é o ritmo dos pulmões. A respiração de todos é a figura dessa atmosfera única que, para além da percepção tátil, comunica no que lhe é implícito — como é a comunicação que, ora, não se faz apenas de coisas explícitas.

O que está elíptico nesta comunicação também é latente. Se a percepção captura o que está oculto e toma isso como parte do acontecimento, a sua trajetória não termina aí: ele alcança a rede apoiado no que lhe é implícito, na sua atmosfera. São essas as partículas de atmosfera que comunicam: de tão minúsculas que são invisíveis, de tão fortes que escapam à mente, de tão aderentes que se grudam à rede.

O relato da blogueira [bia ia](#) no site [ideafixa](#) pode ser objeto dessa leitura. No post intitulado “A poesia de pogar”, a garota conta como foi sua experiência em um show da banda Boom Boom Kid na

Argentina. O que chama a atenção, a primeiro momento, são os seguintes parágrafos.

Instantes antes do show começar, uma garota passou entregando papéis picados pra todos e pediu pra que jogassem pro alto ao soar o primeiro (e ensurdecedor) acorde. Feito. Cordas vibrando e uma chuva de papeizinhos explodiu na platéia. Entrei em epifania.

Estava tudo tão sincronizado, a cadência da banda e o liquidificador humano em que o público se transformou. Os trinta jovens pulando ao mesmo tempo do palco e caindo em cima da multidão. Eu sendo empurrada, e empurrando, suando, jogando e me jogando do palco. Carlos Rodríguez, o vocalista da banda surfando literalmente em cima de nós em um longboard. lindo. (GRANJA, 2010)

As palavras carregam sua força, mas é preciso ir além, porque elas são o que há de mais expresso nessa história. Uma foto do show acompanha sua história e assim a atmosfera começa a se desvendar. Uma busca no Google sobre aquele show no Google devolve como resultados: 1) sites sobre a banda 2) vídeos da banda 3) outros posts e relatos em blogs. Isso são apenas algumas páginas apontáveis na miríade que se desvenda pelo buscador. É impossível precisar quantas delas fazem parte realmente da atmosfera na qual ficou imersa a *bia ia*. O que se pode precisar são os reflexos.

Surgem fotos da banda que ilustram o que a blogueira relatou. São casas de shows pequenas com palcos pequenos e jovens se apertando próximo ao palco. Os músicos sempre em posições de agressividade e explosão, como manda o rock e o gênero levado pela banda, o hardcore. Como eu sabia que eles tocavam esse estilo de música? A primeiro momento foi por causa do verbo “Pogar”, que está estritamente relacionado ao gênero. O que se desvendou em seguida certificou o que eu pensava.



Entre os vídeos buscados, nada que fosse referente à apresentação em que a blogueira foi. Ainda assim, continuo o garimpo. Um dos resultados é de uma apresentação da banda na mesma casa de shows em um fim de semana seguinte ao show relatado pela *bia ia*. E no vídeo está parte do seu relato, com o vocalista da banda tão ensandecido quanto a plateia, que invade o show a todo o momento, assim como disse a moça.

Desprendidas da mão da blogueira, suas palavras ainda carregavam a força de um acontecimento vivido por ela. Desprendido de sua atmosfera, desvendam-se outras partículas, de outras pessoas, que carregam o acontecimento. São recortes subjetivos de indivíduos outros, sem rostos e sem meu conhecimento, que vão construindo em mim uma atmosfera. A pedra angular desse arco disforme é uma página da banda no site MySpace, uma comunidade grande para divulgação de artistas. Lá eu escuto uma música e lembro que, diferentemente de como pensava na primeira leitura do texto da *bia ia*, eu já conhecia aquela banda.

Uma revista antiga tinha uma entrevista com o vocalista do Boom Boom Kid, o mesmo que surfou sobre a garota. A partir dela eu descobri a banda, pela qual não me interessei em um primeiro momento. A memória ficou na minha mente e a exposição ao relato, trazido pela rede, trouxe ela à tona. Isto é, a rede trouxe uma memória à tona e a construiu de tal maneira que somente uma conversa não o faria: faltariam as imagens, os vídeos, as músicas em estúdio.

O calor da casa de shows, a prancha sobre minha cabeça, a roda de pogo ainda não são seres presentes em verdade para mim. O acontecimento, no entanto, reverberou em mim de tal maneira a desaflorar uma memória antiga — algo que talvez não fosse possível só com uma história contada, uma vez que isso só aconteceu no fim do processo de busca. De maneira metapórica, a rede se estendeu até minha mente porque tinha a força de uma atmosfera em seus filamentos. A intensidade necessária para uma aproximação incontida, como pode ser descrita a expansão inerente a todo e qualquer gás.

IV.2- A COMUNICAÇÃO NO GRUNHIDO

O senhor acompanha o fenômeno do Twitter? Acredita que a concisão de se expressar em 140 caracteres tem algum valor? Já pensou em abrir uma conta no site?

JOSÉ SARAMAGO: Nem sequer é para mim uma tentação de neófito. Os tais 140 caracteres reflectem algo que já conhecíamos: a tendência para o monossílabo como forma

de comunicação. De degrau em degrau, vamos descendo até o grunhido. (MIRANDA, 2009)

Em uma de suas últimas entrevistas, concedida em julho de 2009, o escritor português ataca a ferramenta que começava a alçar vôos maiores na internet, o Twitter. Conhecido por sua turrone e conservadorismo, Saramago afirma com poucas palavras que a tendência é voltarmos ao monossílabo, ao grunhido.

Passado mais de um ano de sua declaração, o que vemos é a proliferação de ferramentas da web que se valem do menor espaço possível. Tumblr, Instagram e o botão Curtir do Facebook são apenas três exemplos de uma seara que preza pelo objeto claro, rápido e curto. De certa maneira, é o grunhido de que fala Saramago. Como um “ai!”, que representa dor, um “oi!”, para cumprimentar, ou um “opa!”, de surpresa.

Essas ferramentas, que prescindem uma estrutura complexa ou um estado da arte clássica, são parte fundamental do que é a experiência traduzida na rede. O acontecimento pode estar em uma única imagem, um único som, um único quadro de um vídeo, uma única frase. Esse acontecimento pode conhecer estruturas maiores, como um texto de alguns parágrafos, ou o estado da arte clássica, como uma ilustração ou um vídeo editado. Essas maneiras discursivas, no entanto, se desfavorecem ante a miríade de informações a que somos submetidos freqüentemente.

O “curtir”, a foto, os 140 caracteres, então, ganham força na medida em que podem traduzir, sem uma construção dispendiosa, a experiência. A redução ao grunhido de que fala Saramago, nesse caso, retoma sentimentos — ainda que de maneira considerada arcaica. Ora, vale observar que mesmo essa concessão tem seu contraponto. A maneira arcaica (animal, em última instância) a que se refere o escritor português é um modo prístino de se expressar, tão natural quanto as palmas que acompanham uma música ou quanto o solfejar de notas reproduzidas por um instrumento. No minimalismo há um ponto de encontro fundamental para música e para a rede.

É o gesto mínimo. O polegar levantado, os outros dedos fechados. Feito o sinal, não sobram dúvidas. O joinha, em toda sua simplicidade, virou a partícula elementar da autopublicação. (MATIAS, 2011)

O documentário “The Heart is a Drum Machine”, como sugere o nome, vai além nessa aproximação. O coração, em si mesmo, já é música. Se o alicerce fundamental da música for o ritmo, mesmo que desconstruído, então o nosso músculo principal faz música. Não só

ele, mas o nosso órgão principal se baseia em ritmo. O cérebro consiste numa bomba de sódio que funciona em intervalos definidos. Não produz som, mas produz ritmo. O mal funcionamento desse ritmo produz doenças como o Mal de Parkinson. O mal funcionamento do ritmo no coração produz Arritmia. O ritmo, isto é, a repetição de fenômenos mediada por intervalos é fundamental para a vida e é provavelmente a conexão primeira que temos com música.

A percepção disso em uma música é o primeiro passo para se comunicar com ela. Bater palmas ou pés em um concerto significa reconhecimento com quem executa o som. Os monossílabos são sintomas da comunicação. Eles são porta de entrada para um fenômeno que pode se transcrever em acontecimento. O caminho disso na rede é, naturalmente, uma tentativa mimética de reproduzir o singelo, porém grande, momento — de modo que ele não se esvaia. Há de se separar o mero registro do acontecimento — novamente, esse é um dos desafios desse trabalho —, mas ambos se refletem de maneira tão simples quanto sua origem.

O show do cantor Manu Chao, realizado em 15 de janeiro em São Paulo, pode funcionar como exemplo dessa visão. Estive na apresentação e durante meu tempo lá não realizei nenhuma atualização ou postagem na internet. Posteriormente, também não criei nada. Apenas vi o que era criado na rede. Três tuítes me chamaram a atenção.

A usuária Cintia Ono exalta a apresentação antes mesmo de ela começar:



O usuário Renato Di Giorgio, por sua vez, dá sua localização e faz upload de uma foto:



Entre tantos outros meros registros como esse, um tuíte se sobressai.



Mesmo sem usar palavras de exaltação ou, mais, fazer uso de uma imagem, o usuário Adriano Sosnowski deixa transparecer que a canção “La Vida Tómbola” lhe passou com relevância. Ainda mais: a música ganha importância porque é executada pelo compositor, ao qual Adriano pôde ver ao vivo.

Esse último registro poderia receber um texto complexo, um álbum inteiro de fotos ou mesmo uma gravação em alta qualidade. Para Adriano, no entanto, foram necessários apenas alguns toques no teclado para representar a sua sensação com o momento e para se diferenciar dos registros simplórios da apresentação. São 140

caracteres que se assemelham ao grunhido e, por isso mesmo, resultado natural de uma experiência comunicacional.

IV.3- O CALOR DO MOMENTO

A percepção viva nessa atmosfera nada seria sem a ação da memória. A experiência que reside no corpo consciente é fundamental para o acontecimento, tanto na sua realização quanto no seu desdobramento na rede. Não devemos confundi-la, contudo, com conceitos a priori. A memória do fenômeno vive inativa no corpo, ela não estabelece regras e associações anteriores. Perceber o instante em sua totalidade catalisa a reação das lembranças, trazendo-as de volta à atividade e promovendo associações várias. (cf. MERLEAU-PONTY, 1999). A memória enquanto lembrança voluntária é, em essência, cerceadora da percepção. Os agenciamentos que ela opera impedem que o fenômeno musical se produza em suas capacidades.

O contrário se verifica quando o acontecimento comunicacional escapa ao corpo. Ele tem uma energia própria que se perde com o passar do tempo. O chamado calor do momento nada mais é que a memória guardando a atmosfera. Por isso é tão necessário que o acontecimento alcance um repositório tão logo se passe. Do contrário, ao passo que suas associações se perdem, perde-se a atmosfera e o fenômeno passa à memória inconsciente. O resgate do momento, com grande dificuldade, volta a ser um acontecimento. Sair do mero registro torna-se difícil.

Tal constatação se fez patente durante a experiência do fenômeno musical. O blog fenômeno:música foi aberto para que qualquer pessoa expusesse, como bem entendesse, o que tinha sentido durante um show, o que tinha percebido e qual fora o fenômeno apreendido. A abordagem do experimento sempre evitava dar pistas sobre o que poderia ser feito, de modo a não limitar o relato e, quem sabe, a reposição do acontecimento comunicacional. Da mesma maneira, o espaço estava aberto e as contribuições só ocorriam voluntariamente.

O que se viu em todos os casos foi uma forte predileção pelo texto. Nenhuma das quatro publicações continha imagens e apenas uma continha vídeo. O texto é, claramente, a maneira mais simples de traduzir o fenômeno, porém, como se sabe, a maneira mais limitadora. Em todos os casos também observou-se que fatores como tempo e localização ganharam destaque como marcadores da experiência, muito mais do que ela em si mesmo. Novamente, um recurso comum ao texto, mas igualmente comum ao registro. Um

último fator comum às quatro publicações foi o tempo entre sua realização e a ocorrência do show: no mínimo uma semana.

A banda Mombojó também realizou “experimento” parecido. Como parte da comemoração dos seus 10 anos de existência, o grupo abriu espaço em seu blog oficial para que seus fãs enviassem contribuições que fossem relevantes para suas vidas e tivessem relação com a banda.

Bem, esta campanha consiste em colocar aqui no blog coisas consideradas marcantes nestes 10 anos como vídeos, depoimentos, fotos ou o que mais você tiver e achar que foi importante na sua vida com o Mombojó. (MACHADO, 2011)

As “coisas” enviadas, em maior parte, foram textos. Desses, poucos foram o que se preocupavam em transmitir sensações e, menos ainda, os que comunicavam algo – sob o olhar metapórico. O mais próximo disso, talvez, tenha sido o seguinte:

[...]Oi pessoal!! Minha história com o Mombojó começou em 2006 quando um amigo fez um blog com o título “Reino da Alegria”. Curiosa pra saber do porque do nome, fui introduzida ao som de vocês. De início, ouvi, achei legal e tudo... mas sabe quando o som bate assim, mais ou menos? Foi então que fui ao Tim Festival de 2006 e vocês abriram o show... Foi muito doido, porque o pessoal tava meio quieto e só um amigo e eu estávamos dançando e ele cantava tudo bem alto. Foi aí que o Felipe em certa altura cantando “Deixe-se acreditar” apontou pro nosso lado pedindo pra que a galera cantasse... Na hora senti meu corpo vivo com toda aquela energia!! Daí pra frente, não larguei mais!!! [...] (VIEIRA, 2011)

Mesmo tendo sido escrito, certamente, muito tempo após o evento (ocorrido em 2006), é possível enxergar o acontecimento comunicacional, ainda que ele não seja forte o suficiente para continuar a caminhar pela rede. É uma exceção, de pouco destaque, à regra que se observa em ambos os experimentos: com o tempo, o fenômeno musical não é esquecido, mas, sim, arrefecido.

IV.4- SOLIPSISMO E NARCISISMO

É evidente que a rede pode ser palco para a comunicação, principalmente na percepção e no fenômeno – no caso, apreendidos na música. Suas possibilidades ainda não foram totalmente exploradas e, no momento em que escrevo, o que existe de conhecido nesta seara já pode ser considerado ultrapassado. No entanto, deve-se ressaltar que a rede não é a panacéia para o acontecimento comunicacional. Além do registro, cuja mera função é informar, a rede hoje em dia pode ser uma espiral incomunicável tão ou mais

forte quanto as salas de bate-papo dos anos 90. O acontecimento comunicacional não só está imerso nesse concretude como também pode acabar como ela.

Solipsismo e narcisismo são a primeira díade observada nesse processo de incomunicabilidade. O não-confrontamento com o outro acompanhado pela busca da atenção do outro já são enxergados há certo tempo (cf. FILHO, 2010). O fenômeno musical também aspira dessas mazelas, mas seus sintomas são outros atualmente. O solipsismo, aqui, deve ser entendido mais que um autismo, e sim como uma realidade indelével e indefectível. Na rede, a cena musical (conferir capítulo IV), não se limita. Isso representa novas músicas, fotos, bandas, textos, vídeos, cliques e tudo o que mais for possível. O novo não tem fim, ainda que for velho.

“A cada década que passa, os arquivos aumentam um pouco mais e eles ficam mais acessíveis também. Para mim, o ponto-chave foi quando a conexão em banda larga pela internet realmente decolou, no fim dos anos 90. [...] Quando falo com esses jovens viciados em música, sejam de bandas ou blogueiros, eles parecem saber muito mais sobre música do que eu sabia quando tinha a sua idade.” (REYNOLDS, 2011)

A urbe, por outro lado, apresenta fronteiras para a cena. As fotos são apenas algumas, as bandas tem alguns discos, os textos estão em algumas revistas ou fanzines, os vídeos passam na TV. Acreditar que isso é pior ou melhor que os novos tempos é cair no erro da quantidade. O que deve se atentar aqui é que a revista ou o fanzine pode se limitar nas páginas, mas não no assunto. Do mesmo modo, a TV tem uma variedade na programação. Quem vive (ou vivia) nessa cena, sempre é confrontado com o novo de verdade – e não mais do mesmo.

Esse solipsismo operado na rede é tido como uma bolha para o ativista político Eli Parisier. Movida por filtros, que vão desde os sites de notícias às redes sociais, a internet estaria criando pessoas que vêem apenas o que querem – e não o que precisam.

Esses filtros acabam criando uma bolha, um universo único e pessoal de informações que pode viciar nossas ideias. O excesso de personalização enfraquece a proposta original da internet, de ser um espaço aberto e democrático. Deixa-nos em um mundo isolado com nossa própria voz ecoando. (PARISIER, 2011)

Desse modo, a comunicação, que vive no confronto com o outro – perceber o fenômeno é batalhar contra preceitos e apreender o desconhecido – termina por não se realizar na rede, ainda que apoiado na música. O novo solipsismo, consequência da técnica, cria

um país das maravilhas repleto de belas construções no qual o outro, o diferente, o acontecimento não tem espaço.

Nesta esteira o narcisismo também se renova, mas de maneira menos pujante. Na rede, o registro passa a ser menos uma busca por marcação que uma busca por aprovação. A sutilidade deste processo, no entanto, não permite saber, com certeza, até que ponto, de fato, se é narciso ou se é comunicador, uma vez que em ambos os casos as respostas parecem se assemelham em aprovações com o botão “Curtir”, por exemplo, ou um grande número de visualizações. Fato é que isso está necessariamente atrelado às expectativas narcisistas na rede.

U-O REMIX COMO SINTOMA DO ACONTECIMENTO

O acontecimento comunicacional vive sem a rede. Foi assim durante toda a história a humana e continuará a ser. A partir da rede, contudo, iniciou-se um novo momento para este fenômeno. Ele ganhou novos espaços, novas formas, novos trajetos. Junto com a rede, o acontecimento se desorganizou em sua organicidade e deixou de ser percepção e sensação para ser catalisador de mudanças culturais.

O consumo de música sempre se sustentou sobre uma rede. A invenção do rádio, por si só, só existe sobre uma rede – física e técnica, mas uma rede. No espectro da música popular, o rádio foi o primeiro a poder enviar canções de uma estação para uma casa distantes quilômetros – muito embora essa não tenha sido a intenção original do invento. Aliada às ondas curtas e longas, a criação do disco também é responsável pela rede musical. O século da ubiquidade e da reprodutibilidade técnica ao qual se refere Walter Benjamin, sob outra ótica, é o início século da rede, principalmente para a música.

O fim desse período retira a exclusividade da rede urbana na música, a cena, e inaugura início da rede na web. O acontecimento comunicacional, agora, incluído em si, encontra espaço na nova rede e, pragmaticamente, também é responsável pela maneira como a música passa a ser consumida. O fenômeno musical na rede vai mudar, principalmente, x’a figura deste consumidor. Se antes ele ia a um show e suas histórias se restringiam a seu grupo de amigos, agora ele pode publicá-las e atingir um sem fim de pessoas. Ele não é mais o estágio final dessa comunicação.

Já são conhecidos alguns dos aspectos que surgem nesse sistema, como as novas relações de poder. Algumas das características, no entanto, são tangíveis demais para se relacionarem

ao acontecimento, muito embora isso seja possível. A maior evidência disso é a cultura do remix, baseada na manipulação dos objetos midiáticos, sejam eles vindos da indústria ou de pessoas comuns – isto é, o mero registro ou o acontecimento comunicacional.

Combinar fotos, vídeos, áudio de um show é algo plausível com a rede. Os arquivos, acessíveis, podem ser utilizados e reutilizados, numa reciclagem da experiência. É possível recriar algum instante de um concerto usando diversas perspectivas, tal qual um cubismo das percepções. Cada recorte da figura final só existe porque as pessoas precisam fazê-lo, sentem tal necessidade, têm vontade de lembrar ou comunicar. A imagem mais clara disso são grandes shows repletos de flashes e câmeras erguidas na platéia.

Este remix, essa mistura de visões na rede, certamente não é um continente para o acontecimento comunicacional. Ela pode, sim, renovar e perpetuar a percepção de um momento na medida em que se realizar como acontecimento, isto é, criando identificação, resgatando memórias, revelando sentidos. A dificuldade existe na resistência dessa combinação, uma vez que ela quase nunca ocorre em vias de criar um objeto final. Um exemplo interessante disso é o projeto Rain Down, realizado pelo webdesigner Andrews Guedis. Sua proposta foi recriar um show da banda Radiohead utilizando somente vídeos gravados pelo público, ou seja, feito com câmeras amadoras. O projeto resultou em clipes ao vivo da banda com até cinco tomadas diferentes. Todos os vídeos fogem ao estilo de grandes produções, mas todos têm em comum a visão do público, que parte de suas mãos e aparelhos. Colocar-se ali pode ser vestir-se como espectador, aquele que apenas acompanha um momento; mas também pode ser vestir-se como participante do fenômeno, bastando a força do acontecimento comunicacional se mostrar.

VI CONCLUSÃO

Uma preocupação que existe desde o começo deste trabalho é entender como se decorre sua afeição no mundo. O processo metapórico utilizado aqui consistiu, em última instância, na apreensão total do fenômeno, motivada pela percepção e pela sensação estritamente subjetivas. Em suma, “pela experiência perceptiva me afundo na espessura do mundo” (MERLEAU-PONTY apud OLIVEIRA, TOFOLLO, 2002, p. 103). Assim, buscar as aproximações desse trabalho faz parte do processo metapórico na medida em que ele está imerso nesse mundo.

Não se trata de um papel social, demagogia intelectual e muito menos de apontamentos fixos – o obvio ululante é a fluidez da rede. É, sim, reconhecer a comunicação como presença fora de padrões etéreos ou inatingíveis. A prova disso é que música, fenômeno e rede operam neste exato momento diversas mudanças na produção humana. O remix, a mobilidade, as novas relações de poder, a territorialização são todos inferências do estudo da comunicação, mas também são fatores sociais, econômicos, tecnológicos e, especialmente, culturais.

Ainda assim, no entanto, o cerne desse processo é um enigma tão antigo quanto a própria música: sua natureza. Por mais importante que isso possa ser, buscar compreender a essência da música não parece ser algo caro aos estudos teóricos do tema.

Tais vertentes não enunciam questões como: qual é a natureza da música, o que é e como é o fenômeno musical, como experienciamos música, como entendemos música, como percebemos música, para que serve música, por que gostamos de música? Talvez essas perguntas sejam básicas demais para serem investigadas em abordagens musicológicas que já tenham suas agendas e preenchidas com suas especificidades. Ao mesmo tempo são musicais demais para serem meramente lançadas à área da Epistemologia ou da Estética Geral. (TOFFOLO, OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2008:4)

Pois bem, parece que essa atividade pode e deve ser delegada aos estudos em comunicação. A música vive de comunicação e o acontecimento comunicacional é o instante em que ambas vivem no homem. O estalo do fenômeno existe no momento em que o outro e eu abrimos campo para o conhecimento do mundo ao redor, no qual devo imergir. A partir deste instante, apagam-se fronteiras e aglutinam-se pessoas. A música, enfim, estabelece pontos de contato, estende uma malha fibrosa de conexões e torna-se palco para uma nova atmosfera, toda uma natureza que agora também vive na rede. O homem que percebe e sente essa experiência nada mais faz que se comunicar, ainda que pelo curto tempo de uma canção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO JR, Nelson; CARMO, Paulo Sergio do. *Merleau-Ponty: Filosofia como corpo e existência*. São Paulo: Escuta, 1992.

DI FELICE, Massimo. *Do público para as redes*. Vol. 1. São Paulo: Difusão, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

EXPERIENCIA, Galeria. *O mundo percebido*. Direção de Galeria Experiência. Brasil, 2011. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=F145i5M-cO4>

JANOTTI JR, Jeder S. J.; LIMA, Tatiana R.; PIRES, Victor de A. N. (orgs.). *Dez anos a mil: Mídia e música popular massiva em tempos de internet*. Porto Alegre: Simplíssimo, 2011.

LE MOS, André. *Ciberespaço e tecnologias móveis. Processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura*, in Imagem, visibilidade e cultura midiática. São Paulo: Sulina, 2006.

MARCONDES FILHO, Ciro J. R.. *Fascinação e miséria da comunicação na cibercultura*. São Paulo: Annablume, 2010.

MARCONDES FILHO, Ciro J. R. (org.). *Pensar-pulas: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade*. São Paulo: Edições NTC, 1996.

MATIAS, Alexandre. Curtindo a vida adoidado, *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Caderno Link. 6 de março de 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OLIVEIRA, André L. G.; TOFFOLO, Rael B. G.. *Princípios de fenomenologia para a composição de paisagens sonoras*, in Opus. Goiânia, 2008.

OLIVEIRA, André L. G.; OLIVEIRA, Luis F.; TOFFOLO, Rael B. G.. *Crítica da musicologia e apontamentos de fenomenologia*, in Anais do SIMCAM4. São Paulo, 2008.

PAPER trail: Simon Reynolds. *Pitchfork*, 1º de Agosto de 2011. Disponível em <http://pitchfork.com/features/interviews/8010-paper-trail-simon-reynolds/>

POMERENKE, Christopher. *The Heart is a Drum Machine*. Direção de Christopher Pomeranke. EUA, 2009. SIBILIA, Paula. *A vida como relato na era do fast-forward e do real time: algumas reflexões sobre o fenômeno dos blogs*, in *Em questão*. Porto Alegre, 2005.

VIVIANI, Ana Elisa A.. *O corpo glorioso: um diálogo entre Merleau-Ponty e Michel Serres*, in *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. São Paulo, 2007.

ANEXOS

Abaixo estão as quatro publicações enviadas ao blog FENÔMENO:MÚSICA durante a produção deste trabalho. Agradeço às amigas Cristiane Chaim, Giovanna Miranda, Mariana Carvalho e Ticiane Sundfeld por terem cedido um pouco de seu tempo e de suas lembranças para a pesquisa.

Bob Sinclair no Carnaval de Floripa (08/03)

Fui viajar no carnaval para Floripa, e como qualquer boa viagem de carnaval, não pude passar sem uma balada.

Floripa é uma cidade que atrai muitos shows, especialmente de DJs de música eletrônica, então a programação óbvia para o carnaval era um mix dos maiores DJs do mundo: Kaskade, Armin Van Buuren, David Guetta e Bob Sinclar.

Eu não sou fã de música eletrônica, detesto shows e sou super contra pagar mais que R\$50 secos para entrar numa balada. Mas eu já estava lá mesmo. Escolhi ver Bob Sinclar. Os ingressos para o David Guetta já estavam esgotados e, sinceramente, eu não conheço os outros dois nomes.

A saga para o show começou dois dias antes, com uma fila gigantesca, uma atendente burra e uma perua folgada no shopping para comprar os ingressos. 1h30, muitos sorvetes e R\$ 130 depois estava com o ingresso em mãos. No dia, descobri que o evento era “White Party” e tive que fazer mais uma corrida no shopping atrás de uma roupa que se encaixasse no tema. Consegui.

Fui para o show de carro, com os meus primos, e não pegamos nenhum trânsito para entrar no estacionamento. Foi fácil de parar o carro. Não havia nada nada de fila na porta e a revista dos seguranças era rápida e respeitosa. Entrei na fila do caixa, para comprar fichas de bebida, e fui atendida super rápido. No bar, a rapidez se repetiu. O banheiro estava limpo e sem filas. Comecei a ficar mais feliz. Para mim a experiência do show como um todo que conta...não seria a mesma coisa ver o Bob Sinclar, mas ter que pegar horas de fila e lutar contra uma multidão.

Fui para a pista e fiquei dançando alguma música eletrônica que estava tocando, só à espera de alguma que me soasse familiar. Por mais que o lugar estivesse bem cheio, eu consegui ficar numa distância boa do palco, e com lugar para me movimentar. Adorei, detesto gente esbarrando em mim. Depois de algum tempo, surpreendentemente com quase nada de atraso do horário marcado, eu

ouvi “Bob Sinclar is in tha house!!!!!!”. Meu coração pulou. CARA, ERA O BOB SINCLAR!!! O cara que fez/gravou/mixou/seila várias músicas que eu curto muito (mesmo não gostando de música eletrônica). Confesso que fiquei com medo da multidão insandecida que invadiria a pista e empurraria todo mundo com o começo do show, mas isso não aconteceu. Continuei no lugar onde eu estava, com bastante espaço para dançar.

Não sei bem o que comentar sobre a música, porque eu não entendo nada de música eletrônica. Não sei avaliar transições, efeitos, mixagens. Vou então me restringir a escrever que eu me diverti muito! A música estava boa mesmo. Rolou até uma mixagem de “Seven Nation Army”. Cantei aos brados todas as músicas que eu conhecia, dancei até cansar, fiz guerra de papel picado com meu primo e sai de lá bem feliz.

Estava sem nenhuma expectativa, mas foi muito legal. Curti muito mesmo ter ido!

Vou postar aqui dois vídeos do dia, com as minhas duas músicas favoritas dele, para que vocês possam entender como eu me senti lá. Se alguém conseguir me encontrar aí no meio, me avise!

Minha despedida.

Era uma sexta-feira sem grandes planos, até que um telefonema muda tudo: “Oi! Que? Show do Del Rey no Studio Sp?! Fechou balada!”. Ah! Nada mais perfeito para minha última noite em São Paulo do que uma noite na Augusta com amigos e meu irmão. A preparação dura horas: banho, cabelo, maquiagem, traje e a repetição do último por pelo menos quatro vezes. Tudo pronto, saímos para a noite. 23:30 e o habitual trânsito infernal na súbita para a Paulista. No meio do caminho mudança de rota: buscar outra amiga em Higienópolis: fazer o primeiro retorno, virar a direita na Rebouças, pegar o Túnel, a Pacaembu e voltar para a Paulista. Enfim chegamos. A moça da recepção duvida da validade da minha carta de motorista e pergunta todos os dados possíveis. Dentro o DJ toca sambas antigos e novos em versões remix, a casa está animada e o bar cheio. Subimos para o mezanino, menos lotado. Depois de uma hora de sambas, marchinhas de carnaval e clássicos como Tim Maia, o Del Rey entra em cena. China, o vocalista, veste calça de brim azul e polo branca com os botões soltos, ele cumprimenta a plateia, pega a câmera de uma fã e tira uma foto sua.

Meus amigos, bêbados, dançam, cantam, pulam e xavecam. Eu, feliz, canto todos os sucessos e faço a tiete. Duas horas depois o show termina. Pagamos a comanda e encontramos a banda comendo milho

na porta da balada. Tiramos fotos e, eu e meu irmão, decidimos ir a pé para casa (afinal era só subir a Augusta, descer a Colombia até a altura da Cidade Jardim). Para completar a noite paramos no Tolloco para comer. Minha noite em São Paulo por pelo menos 6 meses.

Show dos Backstreet Boys

Fui no show do Backstreet Boys no dia 26 de fevereiro desse ano (2010)! A história de como eu consegui o ingresso para o show só não foi mais emocionante do que o evento em si!

Tudo começou quando minha amiga me prometeu que daria os ingressos. Estava namorando na época, e meu ex-namorado sabendo o quanto eu amava O Backstreet Boys, já havia combinado tudo certo com essa minha amiga, para pegar os ingressos para a gente ir.

No dia de pegar os ingressos na casa dela, (que era o mesmo dia do show), eu não sabia se ele já tinha pego por que ele tentou de tudo fazer uma surpresa pra mim. Passei o dia chorando em casa desesperada pra saber se conseguiria o ingresso, já que ninguém me deixou comprar antes porque esses ingressos que a gente receberia ainda por cima, dariam acesso aos bastidores.

Deu 19h30 da noite do mesmo dia, e vi através de um post no facebook da minha amiga, que ela tinha ido pra Nova Iorque e simplesmente não tinha me avisado nada dos ingressos naquele dia, nem da viagem! sendo que um dia antes falou que estava tudo certo.

Chorei das 19h30 até o horário do show. Nesse meio tempo: meu ex, super triste também passou na minha casa para a gente ir até o prédio dessa menina, porque até as 6h da tarde ela havia respondido pela internet para ele que a mãe dela deixaria os ingressos na portaria. Fomos até a casa da menina isso das 20h até as 21h30. O show começava as 22. Quando ficamos duas horas quase esperando na portaria e a casa e a mãe da menina estavam incomunicáveis, ele me levou (chorando aos prantos) até o Credicard Hall, porque eu simplesmente não desistiria de jeito nenhum daquele momento que eu mais esperei em todos os dias do ano.

Quando cheguei no local do show, era 22h. Todos entrando e todos os seguranças já calmos que o show estava pra começar. SURTEI! sai do carro e fui falar com um cambista desesperada pelo ingresso. Ele me cobraria muito caro, cerca de R\$ 400,00 mas mesmo assim eu compraria. Pra conferir se o ingresso era verdadeiro, vi que tinha um amenina sentava em um canteiro do Credicard Hall com um amigo, e pedi pra ela se poderia ver o ingresso dela, assim não compraria um falso.

Assim que contei toda a história e quis ver o seu ingresso, ela me disse que era do Fã Clube do grupo e era carioca, já havia ido nos shows da turnê no Brasil e que estava decepcionadíssima com eles, que a trataram mal e o segurança não devolveu a sua câmera fotográfica quando foi tirar fotos com eles. Assim, me falou que não ia mais no show.

Eu nem sabia o que dizer na hora e perguntei se era verdade que ela decidiu mesmo que não ia. Assim que eu falei isso, ela falou:” Juro! pode até ficar com o meu ingresso se quiser”. Eu chorando de desespero, comecei a chorar de alegria e abracei ela ali na graminha de tanta felicidade.

Ela simplesmente me deu o ingresso dela, pista premium SENSACIONAL ! foi a melhor noite da minha vida indiscutivelmente. O show foi sensacional e cada música eu nem conseguia cantar de tanta emoção que eu tava! Não conseguia me aguentar. Ainda fui sozinha no show e encontrei duas amigas do meu ex-colégio lá, enquanto meu ex resolvia as coisas dele para depois me buscar. Ou seja, não fiquei sozinha lá e aproveitei mais do que NUNCA! eles tavam maravilhosos e o show todo teve as melhores músicas e danças dele do mundo. Muito melhor que o primeiro show que eu tinha ido deles ano passado no Brasil.

Cheguei em casa e sai correndo pra contar pra todo mundo minha história a mais emocionante do mundo de verdade! significou muito pra mim!! e Assim que me acalmei, escrevi no meu status do facebook uma parte do que tinha acontecido.

Agora ainda bem que teve esse trabalho pra eu expressar o que eu senti de entusiasmo, felicidade, emoção e surpresa no show! e em todo o dia dele. Tive um zilhão de descargas de adrenalina e naquela noite, nem consegui dormir.

haha bom é isso!

Pra Sempre Um Novo Baiano

“Escute essa canção

Que é prá tocar no rádio

No rádio do seu coração

Você me sintoniza

E a gente então se liga

Nessa estação...

Aumenta o seu volume

Que o ciúme Não tem remédio

Não tem remédio

Não tem remédio não...”

- Trecho de “Sintonia” de Moraes Moreira

Cheio de vida, graça e malemolência foi o “novo baiano” que estava em cima do palco do SESC Pinheiros na tarde deste último domingo. Moraes Moreira estava irreverente, soube aproveitar a energia restante do carnaval e colocou muita gente pra dançar ao som de hits como Vassourinha Elétrica, Lá vem o Brasil descendo a Ladeira, Sintonia e depois de um lindo discurso que remetia aos áureos tempos de Novos Baianos ferveu a platéia com Preta Pretinha. O cantor deixou o palco sob o controle de seu filho Davi Moraes por alguns minutos. Davi que falou sobre sua relação com o futebol e das maiores torcidas organizadas do país Corinthians e Flamengo tocou Na Massa, música de sua autoria com Arnaldo Antunes. Moraes Moreira voltou ao palco para finalizar o show junto de sua banda que estava pra lá de espetacular, e falou também de seu novo livro “Sonhos Elétricos”, que trata de seu envolvimento com o Carnaval baiano, tendo como pano de fundo sua relação com os criadores do trio elétrico: Dodô e Osmar.